

VISÃO DO CORREIO

Mais atenção aos jovens que saem do acolhimento

Casa, comida e roupa lavada, além de quarto para dormir. Habitados a essa estrutura, adolescentes que vivem nos abrigos públicos, pelos mais diversos motivos, ao completarem 18 anos, têm de enfrentar a realidade fora dessas instituições. A insegurança é a primeira peça na bagagem da mudança. Como seguir na vida fora de um ambiente seguro? A maioria não foi capacitada nem se sente apta para enfrentar esse inevitável rompimento, estabelecido na revisão do Código Civil, que cessou a menoridade aos 18 anos. Ao chegar a essa idade, o jovem se torna responsável por todos os atos praticados na vida civil.

Ainda que tenham alcançado a maioria, faltam a esses jovens experiência e capacitação para conseguir um emprego, lidar com burocracia, um lar para viver e administrar e meios para se sustentar, conforme mostrou série do **Correio**. Entre 2024 e maio deste ano, 36 adolescentes chegaram aos 18 anos no DF e tiveram de deixar as instituições de acolhimento, mantidas pelo poder público. A in experiência reforçou a insegurança dos que tinham encontro marcado como uma realidade antes nunca enfrentada.

O dilema repete-se pelo país. Segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, há 34.497 crianças e adolescentes acolhidos no Brasil, sendo 93,8% deles em instituições e 6,2% em famílias acolhedoras. Desses jovens, 40% têm 12 anos ou mais. E, como também mostra a série de reportagem, o avançar da idade é um dos dificultadores no país para a inserção nos lares.

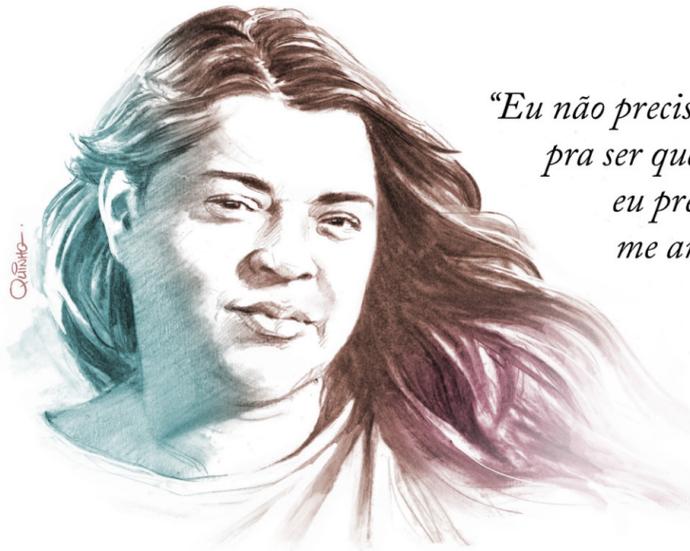
A promotora de Defesa da Infância e Juventude do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) Luiza

de Marillac reconhece que os jovens são lançados à própria sorte, evidenciado que “a construção da autonomia exige um melhor desenho das políticas públicas”. Muitos deles, relata, “deixam o abrigo sem o suporte necessário em áreas como moradia, emprego e renda, elementos fundamentais para qualquer início de vida adulta”.

Revisar as práticas dos abrigos é medida indispensável aos que terão de deixá-los aos 18 anos. Faz-se necessário compatibilizar educação formal e educação para enfrentar o mundo fora da instituição. Da mesma forma, é importante orientá-los para que não sejam presa fácil de grupos que assediam jovens inexperientes, levando-os para o submundo das ilegalidades. “Não existe uma política pública contínua e integrada que garanta um processo digno de saída das instituições, especialmente após a maioridade”, ressalta a conselheira Luiza Martins, do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Repensar a forma de suporte torna-se mais urgente na medida em que o fenômeno da adolescência estendida é comum e bem aceito nos lares brasileiros. Chegar aos 18 anos não implica ter que buscar emprego ou sair de casa para boa parte dos adolescentes que convive com a família. Ao contrário, o custo de vida, a exigência por mais anos de estudo e até mesmo o entendimento de que falta amadurecimento têm postergado a saída do ninho.

Os egressos do acolhimento, porém, não têm igual oportunidade. A eles é negada a possibilidade de um suporte que os tornem aptos a ingressar no mercado de trabalho com mais segurança para que tenham renda, moradia e uma vida digna.



“Eu não precisei de coragem pra ser quem eu sou, eu precisei me amar.”

Preta Gil

1974 – 2025

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Tornozeleira

A estigmatização associada ao uso de tornozeleira eletrônica pode ser analisada sob diferentes perspectivas teóricas que elucidam como práticas de vigilância e controle impactam as dinâmicas sociais e subjetivas dos indivíduos monitorados. Não tem como negar e esconder, a tornozeleira é um símbolo visível de diferenciação social, que atua como marca de desvalorização do ser humano. Com o devido respeito ao Supremo Tribunal Federal (STF), na aplicação de tornozeleira eletrônica ao ex-presidente Bolsonaro, o ministro Alexandre de Moraes, com todo seu poder que tem demonstrado naquela Corte, tinha a autoridade de, com uma simples canetada, mandar prender o ex-presidente Bolsonaro. Mas seu propósito maior, neste primeiro momento, foi levar Bolsonaro à humilhação, que reforça os preconceitos, as exclusões e a percepção de desvio por parte da sociedade, chegando ao extremo à proibição de comunicar-se com seu filho, sua legítima e sagrada condição humana. Os tribunais brasileiros têm destacado a importância de fundamentação concreta para a imposição da monitorização eletrônica. A jurisprudência reconhece que tal medida deve ser avaliada com base nas especificidades do caso, respeitando os princípios da proporcionalidade e da dignidade humana.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Democracia

A democracia é algo de uma sutileza que a transforma em coisa difícil de alcançar. Difícil de ser construída. Os mandatários, em geral, não compreendem. Os Estados Unidos da América (EUA), a maior democracia que, historicamente assim se comportou, deixa de existir. Governo que não pensa no senso humanitário em suas atitudes. País que sempre foi um aliado do Brasil, parece não ser mais. O presidente Trump, se é possível assim o chamar, toma atitudes deletérias e prejudica o próprio povo, o próprio país. O governo brasileiro busca o diálogo, já que o confronto direto não é adequado. Não é atendido. A intromissão em assuntos internos de nosso país chega a ser notório. É uma verdadeira ditadura comercial e comove o mundo moderno.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump original, Trump argentino, Trump japonês. Em alguns casos, o genérico funciona igual ao de referência.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

O agronegócio diz estar no meio do furacão do tarifaço e reclama que a data para o início da medida está chegando: 1º de agosto. De fato, a conta um dia chega...

Marlon Barros — Cruzeiro

**Expectativa: dar no pé.
Realidade: dar o pé.**

Franciscartos Diniz — Asa Norte

O barulho nos prédios do Cruzeiro Novo que ficam nas margens da Epia é terrível! As árvores, que poderiam minimizar o barulho, são podadas drasticamente. A Novacap precisa rever suas práticas!

Jane Matos — Cruzeiro

Com sua alegria contagiante, Preta Gil quebrou padrões, desafiou preconceitos e inspirou milhares a se aceitarem como são. Sua música tocou corações, e sua presença era sinônimo de luz e energia. Exemplo de luta pela vida.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Desconexão

O que dizer de quem se desconecta da realidade, recorrendo a artifícios verbais para tentar isentar de culpa o verdadeiro responsável por toda essa infâmia do tarifaço? Parafraseando o ministro aposentado do STF Ayres Britto, trata-se de um verdadeiro “salto triplô carpado hermenêutico”, ao qual eu ainda acrescentaria: distópico — sustentado por argumentos insólitos, mentirosos e infantis. Lamentavelmente, quem deveria adotar uma postura equilibrada e responsável nos discursos não o faz. Pelo contrário, reforça sua completa desconexão com a realidade — pior ainda, propaga inverdades.

» **Marcus A. de Carvalho**
Santos (SP)

Tarifaço

Donald Trump está com medo do avanço econômico do Brics. Os Estados Unidos se acomodaram na zona de conforto de atrelar sua economia a ganhos financeiros e não à produção, o que se contrapõe ao multilateralismo cultivado pela esmagadora maioria dos países desenvolvidos e emergentes. Trump vai afundar os Estados Unidos se não se reposicionar. E isso não significa retaliar parceiros históricos nem altamente rentáveis, como é o caso do Brasil.

» **Fabiano Barbosa**
Recife

Poluição sonora

Hoje (segunda), o som que vem, nas alturas, de uma das quadras abaixo da nossa, na 103 Sul, chegou aos nossos ouvidos até 0h30 da madrugada — às vezes, esses barulhos vão às 6h da manhã! Eu fico perplexo de ver que os moradores das vizinhanças, alta e diretamente atingidos por essas incivildades afrontosas, não reagem contra isso, tendo à sua disposição o 190 da PM — como sugere o GDF — e, em caso de insatisfação, a competente e indispensável assistência da Promotoria Pública, que tem o dever de “fiscalizar o cumprimento da Lei do Silêncio e proteger os direitos dos cidadãos”.

» **Lauro A. C. Pinheiro**
Asa Sul



RONAYRE NUNES

ronayrenunes@dabr.com.br

A obsessão com a aparência

A preocupação com a aparência não é necessariamente nova. Desde o Homo sapiens, algumas características eram mais “atraentes” — ou, pelo menos, denotavam mais saúde. Ao longo do Império Romano, a beleza também possuía relevância social. Com o passar dos milênios, a forma como nos vemos foi mudando, mas essa preocupação sempre esteve presente. O problema é que, atualmente, de forma exponencial, essa atenção tem se transformado em obsessão — algo além do saudável. E cabe perguntar: qual é o limite? Onde vamos parar?

Durante um podcast que ouvia distraidamente a caminho do trabalho, a apresentadora citou algo que chamou minha atenção: agora existe o “breathing care” (ou “cuidado respiratório”). Na prática, uma das ações mais instintivas do ser humano — a respiração — pode ser “melhorada”. Tudo bem, os argumentos até fazem algum sentido. Mas tudo em que consegui pensar foi o quanto seria mais trabalhoso tirar um tempo para respirar direito, sendo que já existem o “skin care”, o “hair care”, o “body care” e por aí vai. Tentando atingir o nirvana do self-care, as pessoas parecem perdidas em uma obsessão cada vez mais preocupante com a aparência.

Entre tantos problemas que enfrentei durante a pré-adolescência, minha aparência nunca foi uma preocupação latente. Lá no fundo, eu sabia que era muito magricela, com um aspecto de pele pálida e meio adontada. Nunca entrei em uma dieta para ganhar peso, não fazia exercício com o objetivo de ganhar músculos,

nem me preocupava em manter um bronzeado mais arrojado.

Com o passar dos anos, todavia, essas preocupações me alcançaram. Já no auge da juventude, sentia aquela triste sensação de “ser feio”. Em retrospecto, percebo que o culpado teve nome e sobrenome: redes sociais. As infinitas fotos compartilhadas no Orkut e, depois, no Facebook colocavam a aparência como prioridade em qualquer relação.

Quando paro para pensar, vejo que ainda tive a sorte de conhecer uma vida sem redes sociais. Em 2025, as crianças já nascem dentro desse ambiente virtual — e, quando menos se percebe, um bebê está abrindo os dedos em formato de pinça tentando expandir objetos reais. Essa pressão estética vai surgir cada vez mais cedo.

A obsessão com a aparência não surgiu por acaso: é alimentada por padrões inalcançáveis, reforçada pelas redes sociais e explorada por uma indústria bilionária. No entanto, romper com esse ciclo exige mais do que desconstruir ideais estéticos. É preciso reconstruir nossa noção de valor pessoal e coletivo.

Uma possível solução passa pelo letramento estético: educar desde cedo para que as pessoas compreendam como padrões de beleza são construções culturais e econômicas, e não verdades absolutas. Isso inclui investir em educação midiática nas escolas, estimular o pensamento crítico e promover representações plurais e reais nos meios de comunicação.

Medir a existência apenas pelo espelho é se afastar daquilo que realmente nos torna humanos.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS* SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP: 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br